

## A ACTRIZ FLORINDA



É no proximo sabbado, 12, que tem logar no theatro da Trindade, com a primeira representação da *Gata Branca*, a festa artistica de Florinda, aquella excellente artista que nós conhecemos em tempo ainda muito magra, mas já com subido talento, e que de então para cá tanto tem avolumado, quer em formas, quer em formosura, quer em merecimentos artisticos.

Ao vêl-a de *Gata Branca*, todos os *gatos* de Lisboa saltarão de contentamento e o do Antonio Maria irá gostosamente e com a sua melhor rhetorica miar-lhe sinceras felicitações.



## A SEMANA

Esta, como a passada, foi igualmente um ovo, mas de avestruz — e com duas gêmmas.

No Colyseu o *homem reptil*, uma creatura que faz da espinha dorsal o mesmo que o senhor Fontes costuma fazer da maioria: torcel-a e destorcel-a em todos os sentidos.

Olga e Kaira, a primeira côr de assucar candi e a segunda côr de chocolate, que dão no conjunto um delicioso café com leite e por quem os mirones do estabelecimento dão todas as noites *chá* simples na coxia que conduz ao palco...

A união gymnastica d'estas duas artistas faz-nos lembrar, mal comparado, o casamento politico de regeneradores e



constituintes. Uma branca de jaspe e outra preta de sisco, exactamente como o casal d'aquelle bemaventurado enlace, lá trabalham de accordo, medindo os balanços e contra-balanços do trapezio e dando-se irmãmente as mãos nos mais arrojados saltos aerios, talvez depois de abertamente se haverem degladiado na sombra do camarim, espicaçadas pelo aguilhão do ciúme, a que fatalmente as terá já ariastado tanto a presumpção da superioridade como a desigualdade de côres...

Finalmente, mr. Seeth e os seus cinco leões, trabalho este que não apresenta o merecimento do arrojo, mas apenas o da novidade. Antigamente domavam-se os leões pela arte; hoje subjugam-se pela força numerica; senão veja-se: leões, cinco; domador, Seeth! Salvo o erro, o domador tem uma vantagem de 40 p. c....

(Este calembourg esteve para ser do nosso amigo Mendonça e Costa).



Na praça do Campo de Sant'Anna, um casal muito parecido nas côres com o de Olga e Kaira, mas porventura mais arrojado e naturalmente de sexo opposto, atirando-se por esses ares fóra com a segurança dupla de quem leva para a jornada, além da coragem indispensavel para a primeira eventualidade, o presunto de fiambre necessario para a primeira refeição. Tivemos o prazer de conversar

um bocado com aquelles valentes rapazes, minutos antes da ascensão, e dos seus labios, cujas palavras escutámos com o recolhimento de quem escuta o discurso d'uns cadaveres, recebemos as seguintes instrucções, que aliás nunca tivemos desejo de cumprir, apesar da gulodice que nos distingue:

— Se nós não voltarmos, ou antes, se voltarmos mais depressa de que é nosso empenho, ás cambalhotas por ahí abaixo, gritando *foge lage que te parto* como, a raposa da fabula, e sem que ao menos tenhamos tempo de afagar entre os queixaes uma talhadinha sequer do fiambre que nos acompanha, nomeamol-o testamenteiro d'esse delicioso producto da Colombe; metade é para você e a outra metade reverte em beneficio da *Kermesse*. Queremos ligar o nosso nome a essa sympathica festa ao menos por umas sandwiches posthumas.

Infelizmente para a *kermesse* e para o nosso estomago e felizmente para aquelles bons rapazes não lhes podémos fazer a vontade...

Tambem não admira que andassem por esses ares sem maior transtorno: o Abreu Oliveira, na sua qualidade de *barata loira*, tem umas azas magnificas; e o Gouveia Pinto, como canarim que é, tem igualmente as azas das *Canarias* que lhe deram o ser...

(Este trocadilho tambem esteve quasi para gerar-se no ventre intellectual do nosso amigo Mendonça e Costa).

No edificio da egreja dos Jeronymos estão procedendo a uma limpeza radical. Damos esta noticia com vista a el-rei D. Fernando, a quem, como verdadeiro artista que é, muito deve *agradar* que se esteja caracterisando de novo um chefe de obra que, na sua apparencia vetusta, tinha precisamente o seu melhor padrão artistico.

Com os demonios! Sé os assaltou a febre pela limpeza das coisas velhas, entrettenham-se a lavar o sr. Fontes, que bem o precisa; e a esse podem esfregal-o com potassa, e piassá, e até com o proprio côco que lhe serve de cabeça, que em nada prejudicam a arte e talvez beneficiem a hygiene... e a politica...



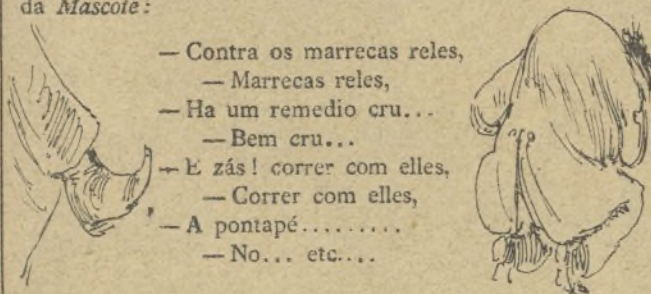
Na camara dos deputados discute-se a reforma do codigo penal, producto das locubrações do sr. ministro da justiça, que pretende lacrar a rolha na botelha da imprensa certamente receioso de que, entre a espuma que lhe espadana do gargalo, alguém reconheça as *borbulhas* de s. ex.ª... O codigo do sr. Lopo Vaz é um aborto tão repugnante para cabeça de homem moço que apenas se explica pelo phenomeno de lhe haver subido ao cerebro o aleijão que lhe deforma a espinha dorsal...



Se a imprensa não tiver a coragem de estrangular o aborto á nascença e empalhar-o depois para servir de entretenimento a curiosos de barraca de feira, o jornalismo portuguez ficará irremessivelmente condemnado a escrever os seus artigos com um pé no escriptorio da redacção e o outro na enxovia de Limoeiro. Isto, com o contrapeso d'um corcunda suspenso sobre a nossa cabeça, á laia da machadinha do conto, é d'um enguiço de que só poderá libertar-nos o cavallo branco do sr. Manuel da Assumpção...

Se ao *Cheta*, ao *Palhinhos* e ao *Barbas d'Alho*, os tres gatunos mais da moda, fosse dado legislar — e não virá longe a hora em que tal succeda, visto como para n'esta terra se ser ministro e legislador é bastante andar na moda — se áquelles tres co-proprietarios da bolsa alheia fosse dado legislar, tizíamos nós, temos a certeza de que semelhante codigo seria fulminado contra a imprensa que lhes descobre as masellas, que os delata á policia e que os entrega aos tribunaes. Mas tal concepção na cabeça d'um ministro de reputação tão branca — sem dependencia de infundições — é verdadeiramente inexplicavel!!!!...

Ainda bem que a Justiça é cega; e Deus a conserve sempre assim porque, se a triste abrisse os olhos e depa-  
rasse com o ministro que o destino lhe concedeu n'estes reinos, é impossivel que não cantasse como o personagem da *Mascote*:



Toda a cidade, e especialmente a alta aristocracia, anda entusiasmada e afanosa com os preparativos para a grande *Kermesse* que brevemente vae realisar-se na tapada da Ajuda em beneficio das creches. Em assumptos d'este genero — e apenas n'isto — damos gostosamente a mão á alta aristocracia, com a sinceridade de quem, vendo uma boa acção, não regateia louvores a quem a pratica, venha d'onde vier essa iniciativa benefica.

Os donativos para aquella sympathica festa são já valiosos e numerosissimos e entre elles, não podemos deixar de citar o generoso offerecimento feito pela casa da *Viuva de Caetano José da Costa & Filhos*, estabelecida na rua Nova do Carmo, que faz um abatimento consideravel em todos os objectos que ali forem comprados com destino a brindes para a *Kermesse*, alem do donativo com que opportunamente concorrerá.

O *Antonio Maria* offerta apenas á *Kermesse* um corcunda de *cautchou* para uso das creches, e *quer messas* com quem o apresente mais perfeito para desmamar creanças...

(Este *calembourg* tambem esteve para ser filho do nosso amigo Mendonça e Costa.



## NO PAIZ DO SYNDICATO

Ainda ha gente, que, repetindo uma phrase que se considerou celebre no seu tempo, affirma não haver agora maravilhas, dando como completamente extincta a epoca do pasmo e dos prodigios. A verdade é que hoje, como no periodo das grandes convulsões da terra e das religiões, o maravilhoso continua a fascinar os espiritos. O que se dá, porém, sobre este campo dos desvios humanos é o mesmo symptoma que notamos quanto á evolução da tragedia nas sociedades modernas: uma falta de grandeza nas manifestações humanas, uma decadencia toda exterior nas grandes vibrações do espirito. Os reportorios e folhinhas mataram os prophetas, assim como a magia de salão mandou para o inferno o talento de todos os diabos. Estas considerações véem, despropositadamente, a pello de uma visita que fiz ante-hontem á feira de S. Lazaro. As maravilhas lá estavam todas. Muitas até que não fazem parte da collecção de Magalhães & Moniz, como a potencia estomacal d'este nosso amigo.

Logo á entrada da feira um bello rapaz astucioso, grita de cima de um tablado de pinho:

«Vinde ver e admirar o grande gigante hespanhol, sem rival em todo o mundo...»

Será o Rapp que disfarçadamente dá um salto até ao Poço das Patas para se fazer admirar pelo publico tripeiro?

Mas não; o homem continúa:

«Hoje, pela primeira vez, se apresentará trajando de cavalheiro...»

Então é o Canovas. Entrada 40 réis.

Mas outro fazedor de assombros abeira-se de nós e convida-nos para «A grande maravilha do mundo inteiro. Convida-se o illustrado publico portuense a vir ver uma obra desconhecida até hoje...»

— Um sorriso do sr. Hintze?

— A politica do sr. Correia de Barros?

— Um miligramma de senso commum na caixa craneana do sr. Amancio?

— A certidão de idade do Soares de Meirelles?

— O chapéu novo do Moutinho de Souza?

Nada! São os quadros diamantinos onde um celebre pintor francez desenhou «estatuas, anjos, ornamentos, dragões» — «Aproveitem! só por poucos dias, pois vae para Lisboa. Entrada 60 réis.

Mas a serie dos phenomenos assombrosos não terminou ainda. Alli temos mr. Souslié.

Mr. Souslié «acaba de receber um sortimento de peças mechanicas de um trabalho e imaginação o mais completo que se póde exigir. Mr. Souslié apresentará ao illustrado publico uma collecção de gosto. Mr. Souslié fará quanto fôr possivel para satisfazer o publico...»

Mas, liberte-nos do sr. Fontes!

Mas, remetta para a Polynesia o illustre ministro da justiça!

Mas, lance o fogo ás *papeletas* dos impostos!

Mr. Souslié assombra o respeitavel publico pela modica quantia de 60 réis e «restitue o dinheiro áquelle que não fique satisfeito.» D'onde se vê que Mr. Souslié é afinal muito mais honrado do que todos os fazedores de orçamentos em Portugal, que nunca chegaram a restituir um real, embora não tenham cumprido uma vez sequer as promessas feitas nos relatorios da fazenda.

N'outra barraca:





# O QUE NOS VE ACONTECER

PARODIA DO QUADRO «LOS COMUNEROS DE CASTILLA»

Enquanto os tres «comuneros» succumbem sob o machado do executor da justiça, os espectadores indolentes assistem ao sacrificio, sem escutarem a voz dos pacientes que lhes bradam do alto do patibulo :  
 — Preparai-vos, irmãos ! Hoje por nós, amanhã por vós...



## ADMIREM! ADMIREM!

## O MAIOR EXITO EXTRAORDINARIO DAS GRANDES CIDADES!

«Acaba de ser exposta, ao respeitavel publico portuense, a joven Sara, uma descendente da raça «antropophaga», tendo 19 annos de idade. É a mais linda e sympathica na sua raça. Está ricamente vestida ao uzo dos da sua nação e falla só a lingua bunda.

Mr. Tazani empregou todos os meios possiveis para educal-a, pois que hoje tem um genio docil e cheio de bondade, sendo portanto amavel para todos.

Portanto é vir todo o respeitavel publico portuense admirar esta joven da raça selvagem.»

O Alfredo Bastos entrou na barraca para ver a «mais linda e sympathica na sua raça» (d'ella), e, segundo o seu costume (d'elle), começou a dizer-lhe amabilidades, á pobre rapariga que só falla a lingua bunda. Quando a joven antropophaga, rebelde discipula de mr. Tazani, se fartou de aturar o Bastos, voltou-se para elle e gritou-lhe em lingua bunda da Praça Nova:

—O senhor não quererá ir para o diabo!

D'onde se vê que o Alfredo Bastos é mais competente que mr. Tazani para educar jovens antropophagas.

No «Salão Lisbonense» então, ha um grande furor pela historia tragica.

«O proprietario d'este salão espera que o publico portuense visitando o seu estabelecimento lhe fará a devida justiça, collocando-o á altura de muitos outros estrangeiros, pois, só assim, verá coroado todos os seus esforços e sacrificios que tem feito para apresentar o grande quadro historico:

*O assassinato de*

## D. IGNEZ DE CASTRO

em 1355, praticado por

ALVARO GONÇALVES, PEDRO COELHO E DIOGO LOPES PACHECO

nos passos junto do mosteiro de Santa Clara de Coimbra

quadro que só pelo movimento de D. IGNEZ DE CASTRO, chama a attenção de todos, sendo apresentado, pela primeira vez, n'esta cidade.»

O movimento de D. Ignez é verdadeiramente terrivel. Faz coisas de arripiar os cabellos, mesmo ao Aleixo Aranha que não tem nenhuns.

Em 1355 as coisas passavam-se por uma forma bastante diversa da epoca actual, porque hoje aquella Ignez, aquelle Gonçalves, aquelle Coelho e aquelle Lopes Praça depois de luctarem valentemente nos Paços de Santa Clara iam dormir muito pacificamente á esquadra da policia.

Não lhes fallo do «Desopilante acontecimento da epoca», nem da «Mulher Selvagem», nem da «Rainha das Naiades», nem na «Mulher Tigre, nova edição, em cera»; porque então todo o Antonio Maria não chegaria para a galeria de tantas maravilhas e o espaço é necessario para as maravilhas da capital.

João Broa.



## SEMANA PARLAMENTAR

Começa a explicar-se, com razões de muito alcance, a alliança regeneradora-constituente de que resultou, em horas de amoroso enleio, o governo actual.

A politica e a terra teem notaveis pontos de contacto; n'aquella ha partidos de côr, que attrahem Fontes e Barjona, como n'esta ha continentes que reclamam Capello e Ivens.

Reconhece-se no momento historico que atravessamos a necessidade de cruzar as raças e de baralhar os programmas.

A Inglaterra branca, rosada, loura, sente-se attrahida pelo negrume da tez e da carapinha do luxuriante continente africano.

D'este enlace esplendido deve resultar fatalmente uma ninhada de tratados que hão de encher o mundo de trantantes e dar o maior desenvolvimento ao commercio e aos industriosos.

A facilidade e a felicidade d'esta empreza depende da mescla; a terra e a politica não são pretas, nem brancas — são mulatas!

Reduzamos os maravilhosos phenomenos ás proporções d'uns exemplos comesinhos.

Não citemos o renascimento do ardor bellicoso das raças brancas, ao contacto das tangas discretas das raças escuras; e vamos aos partidos, aos artistas e aos adiletanti.

O sr. Fontes declinava no seu vigor, e d'isso se lamentavam as velhas... instituições confiadas á sua guarda. — Um dia lembrou-se de afiar os membros e os principios decadentes na carapinha constituinte, e resurgio mais logico de que o Genuense, mais vigoroso de que Martinho! (Nas citações é que os chronistas revelam erudição).

A gymnastica fechára ha muito o repertorio das suas maravilhas, e parecia ter dado o ultimo salto nos trapezios aerios dos circos mais notaveis; um dia Olga e Zaira, uma preta e uma branca, depois d'alguns sarilhos sal e pimenta, assombraram a multidão com prodigios de força e de destreza.

O dilettantismo, fatigado de bater as palmas a alguns novilhos em touradas de fidalgos, simulara recursos de imaginação e coragem de bom tom dando a qualquer alugador de pilecas do Hespanhol, o titulo pomposo de elegante sportman; um dia, porém, encontraram-se o branco Oliveira e o escuro Gouvêa Pinto, e o dilettantismo larga-se por ares e nuvens, para ver de longe a esphera terrestre, e de perto o poligono de Vendas Novas.

Fontes, unindo-se aos pretos, bem soube o que fez; foi o precursor de Freitas Brito e de Beudet!

Até Camões, que tinha valor proprio, desejou passar á historia em companhia do seu Jáu é a mascote dos governos, das artes, e da coragem desmaiada.

A semana disse-o; pelos braços de Olga no Coliseo. pelo telegramma de Pinto na Charneca, pelo discurso de Manuel Vaz, na camara alta.

Na camara dos deputados, Lopo, ministro da injustiça, de braço dado com o Firmino, tenta empalmar o jury o julgamento da imprensa. — Lopo não é um homem vulgar, e decerto não tem culpa de que o Firmino ande em sua companhia.

Se alguém já disse que os homens publicos são como as mulheres publicas, não quiz inventar um axioma, mas simplesmente fazer uma phrase. Ora, as phrases vão passando de moda, e os homens publicos ainda não.



Lopo é o homem fadado para a reforma do código penal, porque bem sabe que, ouvindo-o fallar, ninguém o leva preso.

Não sendo homem de convicções, nem comprehendendo para que isso serve, não julga que as penas possam ferir o jornalismo. — S. ex.<sup>a</sup> nada faz por mal.

Quando a regeneração correu o risco de ir parar ao correccional, Lopo militava com Latino e com Rodrigues de Freitas; depois que os reformistas foram votados ás fêrras, votou-se s. ex.<sup>a</sup> ao código penal. Ora, se toda a gente fizer assim, ninguém é apanhado na engrenagem dos tribunaes.

Lopo ha de metter-nos na *Penitenciaria*, mas sem os ordenados que reserva para os amigos; nós, porém juramos immortalisar o illustre ministro, escrevendo-lhe o nome nas pedras dos muros, nas grades da cela, nas paredes dos corredores, nas saias das irmãs hospitaleiras, nas corôas dos capellães, e até n'aquelle logar em que os hespanhoes pintaram o grande condestavel, ou por odio, a portuguezes, ou por causa de embaraços gastricos.

Apesar de ser *marreco* o ministro será por nós convertido em ganço do Capitolio.

Arriaga subiu á tribuna em defeza do *Antonio Maria*, e dando á Parvonia as honras de Jerusalem, deu-nos a honra immerecida de nos intitular iconoclasta dos falsos idolos que povoam o templo da religião monarchica.

Ao eloquente tribuno agradece o *Antonio Maria* a sua lisongeira apreciação, e paga-lhe tanta benevolencia com um conselho modesto:

— Desça da tribuna, Arriaga, e não espalhe as perolas da sua eloquencia no gallinheiro da regeneração; milho é que ella quer: e, enquanto aos estadistas, que envergonham as tradições liberaes da nossa terra, deixe-os com o Firmino, que assim estão bem, e diga ao José Horta, que d'elles se não esqueça quando tratar dos infinitamente pequenos.

IUSTUS

## UMA LIQUIDAÇÃO DE FUNDOS

Marcellino Alfredo Carneiro é um dos homens mais notaveis da epoca actual.

Para alcançar tres mezes de cadeia, teve de estar em ferros d'el-rei oito annos.

Não é muito. Podia ser mais. Como estudo de philosophia penal e para problema de jurisprudencia criminal ahi fica o processo para os sabios modernos pensarem n'este meio de se conseguir a grande attenuante da pena a impôr.

A regra é esta: quem quizer ser condemnado em prisão de 2 ou 3 mezes, esteja primeiro preso 8 ou 10 annos.

E quem não quizer que lhe seja imposta pena alguma, morra no carcere, que depois é absolvido como ausente em parte incerta.

O processo d'este exemplar completissimo de uma paciencia, de que Job se morde de inveja, tem curiosidades de uma altissima significação moral.

A moderna sciencia tem muito que n'elle aprender. E Marcellino já está na historia patria, como um vulto legendario.

Vae para a Bahia pobre. Vem da Bahia rico.

Traz consigo um saque de 40:000\$000 réis fracos. Esconde a letra no sitio em que os pudendos põem parra.

A policia julga-o inficcionado. Manda-o despir. E, depois de o collocar em posição de athleta, vê-lhe cahir enxovalhado o papel que indicava o cambio.

A letra foi para o tribunal, como desinfector. Marcellino foi para a cadeia d'Almada.

Tornou a ser pobre!

Tristissimo!

É julgado. E a audiencia dura dous dias. Na discussão descobriu-se o seguinte:

O sacador da letra era Francisco Figueiredo Junior & C.<sup>a</sup>, do Rio de Janeiro. Os sacados Marinhos & C.<sup>a</sup>, da Bahia.

A letra era á ordem de Joaquim Pinto da Silva.

E tudo isto era falso!

Houve um commendador, director da caixa hypothecaria da Bahia, que deu o plano para o desconto. Queria dinheiro. Chamou Marcellino e prendeu-o a elle pela letra e pela bolsa. O Carneiro sorriu e aceitou o pacto. Fez o desconto em dia que o commendador estava de guarda á caixa. Foi este que deu o dinheiro. Marcellino recebeu-o e com elle na algibeira teve saudades do paiz e veio até ao Lazareto, com a intenção de ir depois entregar o dinheiro que não era d'elle.

O director, commendador, fugiu e a caixa botou relatório, accusando-o de biltre e de tolo. Em Almada foi Marcellino absolvido por unanimidade.

Outra vez rico!

A letra era boa.

O dr. Valle defendeu o reu e o jury, em momento de patriotica desforra pelo que lá nos fazem, deu a corôa de innocente ao accusado e aceitou a confissão da caixa, accusando de gatuno o director voador.

O processo subiu ao Supremo Tribunal. Foi annullado, ordenando que Marcellino fosse julgado na Boa-Hora! Outra vez pobrissimo! A letra não era d'elle. Em Lisboa o jury tornou a absolver o reu, mas por maioria.

Outra vez rico!

Rangel de Quadros deu a decisão por *iniqua*.

Outra vez pobre!

Os jurados sahiram do Tribunal vexados por na lei existir uma faculdade que representa a censura das consciencias e que por muito menos tinha sido D. Miguel expulso do reino.

RIDISTO.

(Conclue no proximo numero)

## O PROTESTO DO PADRE AMADO



Padre Amado, inspirando-se no exemplo de Christo, que expulso, azurragando-os, os vendedores do templo, veio ás columnas dos jornaes expulsar por seu turno os *amadores* que tomam parte na semana santa dos Jeronymos. O padre Amado está com tanto appetite de se impingir como segunda edição do Nazareno que nós somos de opinião que lhe deixem crescer as barbas e o preguem depois na cruz para lhe fazer a vontadinha.



## HOMENAGEM

AO AUCTOR DA LEI DAS ROLHAS



O Lopo Vaz Sampaio e Mello,  
 Heroe que o mundo e os ceus aterra.  
 Jurou tornar em vil farello  
 As folhas todas cá da terra !

Co'a lei das rolhas que elle outorga,  
 E apraz a todo o ministerio,  
 Mata os papeis o Vaz Pandorga  
 E abre nas unhas cemiterio !

Pois quando vingue a lei bemdita,  
 Hei-de eu cantal-o em mil cânções,  
 P'ra que o seu nome se transmita  
 A vinte ou trinta gerações !

Soberba ideia em mente guardo :  
 Expôr á venda um bom papel  
 Macio, e fino, e bom, e pardo  
 Co'a vera effigie e o nome d'ell'...

Assim o povo satisfeito,  
 Lançando o olhar áquellas folhas,  
 Presta homenagem de respeito  
 Ao sabio auctor da lei das rolhas.

E todo o bom paiz de Ulysses  
 Terá prazer (sabem porquê...)  
 Quand il jeter des... «ecrevisses»  
 Au cabinet particulier...

PAN.